

*Cláudia Trevisan*¹

No primeiro semestre de 2004, eu assisti a um discurso do presidente do banco central da China, Zhou Xiaochuan, no qual ele expôs a uma platéia de analistas e investidores internacionais a estratégia do Partido Comunista para sanear os combalidos bancos chineses: atrair sócios estrangeiros estratégicos, lançar ações no mercado global e, com isso, forçar as instituições a seguir as regras internacionais de contabilidade e transparência exigidas das empresas abertas. De maneira explícita, Zhou pediu apoio dos investidores para acabar com a notória influência política no sistema financeiro de seu país.

Da platéia, um cético jornalista estrangeiro perguntou se haveria investidores dispostos a colocar bilhões de dólares em bancos que continuariam a ser controlados pelo Estado, já que não há planos de privatizá-los, que têm reputação de ineficientes e ainda carregam um volume indefinido de créditos irrecuperáveis. O argumento fazia todo o sentido e o apelo do presidente do banco central parecia fadado ao fracasso.

Dois anos depois, o ceticismo do jornalista foi desmentido pelos fatos. Os investidores internacionais ignoraram os incontáveis problemas dos bancos chineses e passaram a disputar participações minoritárias em seu capital. Só em investimento direto, as cinco maiores instituições do país receberam US\$ 27 bilhões nos últimos dois anos, de pesos pesados como HSBC, Goldman Sachs, Bank of America, Royal Bank of Scotland e American Express. Todos querem estar bem posicionados para a corrida do ouro que começará quando a China abrir seu sistema financeiro ao capital estrangeiro, em dezembro de 2006. Do lado chinês, o governo corre contra o tempo para preparar as instituições locais, todas estatais, à concorrência dos novos atores que chegarão ao país.

Além da venda direta de participações, os quatro maiores bancos estatais chineses começaram a colocar em prática no ano passado a estratégia de lançar ações no mercado apresentada em 2004 por Zhou Xiaochuan. Em outubro, o terceiro maior banco da China, o China Construction Bank, abriu seu capital na Bolsa de Hong Kong e conseguiu captar US\$ 9,23 bilhões, o maior valor em operações do gênero no mundo todo em quatro anos. O Bank of China, segundo no *ranking*, superou o valor em junho de 2006 e captou US\$ 9,7 bilhões. Para o segundo semestre, está previsto o lançamento de ações do maior banco chinês, o Industrial and Commercial Bank of China (ICBC), que planeja captar entre US\$ 10 bilhões e US\$ 12 bilhões. O último dos quatro grandes bancos é o Agriculture Bank of China, que ainda não tem data para abrir seu capital.

O sucesso das instituições chinesas junto ao mercado não é suficiente para ofuscar seus problemas. O maior deles talvez seja a influência política na concessão de empréstimos e a

¹ Jornalista, ex-correspondente da *Folha de S. Paulo* em Pequim e autora do livro *China - o renascimento do império*. São Paulo: Editora Planeta.

incapacidade dos gestores dos bancos de avaliar os riscos dessas operações. O resultado mais imediato dessas falhas é o aumento da já imensa quantidade de créditos irrecuperáveis que pintam de vermelho os balanços dos bancos chineses. Nas décadas de forte presença do Estado na economia e mesmo depois da abertura iniciada em 1978, os bancos estatais concederam bilhões em empréstimos para outras empresas estatais, tão ou mais ineficientes que eles.

Não há números transparentes sobre o volume de créditos podres do sistema bancário chinês, mas analistas independentes estimam que ele pode estar entre 30% e 40% do Produto Interno Bruto (PIB), ou US\$ 660 bilhões a US\$ 880 bilhões. O economista-chefe do UBS na Ásia, Jonathan Anderson, estima que os empréstimos irrecuperáveis (*non-performing loans*) somam US\$ 850 bilhões, dos quais cerca de metade foi transferido dos balanços dos bancos para outras estatais criadas com o objetivo de administrá-los e tentar recuperá-los. Na sua avaliação, o governo chinês já gastou US\$ 100 bilhões para capitalizar os maiores bancos estatais desde 2003. Estudo da Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento (OCED) aponta para dispêndio de US\$ 280 bilhões no período de 1998 a 2005. A entidade acredita que serão necessários mais US\$ 200 bilhões, o que elevaria o custo do saneamento do sistema bancário chinês a US\$ 480 bilhões, valor equivalente a um quinto do PIB. No Brasil, o socorro aos bancos nos anos 1990 por meio do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer - Medida Provisória 1.179, de 3 de novembro de 1995, e Resolução do CMN n. 2.208, da mesma data) somou R\$ 20 bilhões, segundo o Banco Central, algo próximo a 2,7% do PIB na época.

Oficialmente, o governo chinês reconhece gastos de US\$ 60 bilhões com três dos quatro grandes bancos desde 2003. O China Construction Bank e o Bank of China, os dois primeiros a lançarem ações em Hong Kong, receberam cada um US\$ 22,5 bilhões em dezembro de 2003. O ICBC, que abrirá capital no segundo semestre, foi capitalizado em US\$ 15 bilhões.

Além da injeção de recursos, as grandes instituições estatais foram beneficiadas com a transferência de parcela considerável de seus créditos podres para quatro estatais encarregadas de tentar recuperar os financiamentos. Criadas em 1999, as Asset Management Corporations (AMCs) receberam naquela época US\$ 172 bilhões em *non-performing loans* (NPLs). No ano passado, ganharam mais US\$ 84 bilhões do ICBC e US\$ 34 bilhões do Bank of China. Até o fim de 2005, apenas uma AMC, a China Cinda Asset Management Corporation, havia atingido a meta de 18,5% fixada pelo governo para recuperação dos créditos. As outras três têm prazo até o fim de 2006 para cumprir o objetivo. Pelos padrões internacionais, o resgate de menos de 20% dos NPLs é no mínimo decepcionante.

Os dados do Banco do Povo da China, nome do banco central, indicam que o total de NPLs dos maiores bancos comerciais do país caiu de 17,2% em 2003 para 8,9% no fim de 2005. Entre os quatro maiores, o Bank of China tinha um índice de 5,4%, o China Construction Bank de 3,8% e o Industrial and Commercial Bank of China de 4,43%. A situação do Agriculture Bank of China, que ainda não começou a ser reestruturado, dá uma idéia de qual era a situação dos bancos chineses: no fim de dezembro, seu balanço registrava uma proporção de créditos podres de 26,17%, o equivalente a US\$ 93 bilhões.

Além de a maioria dos analistas considerar esses percentuais de NPLs irrealistas, o ritmo de concessão de novos empréstimos levanta o temor de que a quantidade de créditos irrecuperáveis também está em alta. Nos primeiros cinco meses deste ano, as instituições financeiras já atingiram 72% da meta de 2,5 trilhões de yuans (US\$ 312,5 bilhões) em novos empréstimos fixada pelo banco central para todo o ano. O crescimento acelerado levou a autoridade monetária a elevar em 0,5 ponto percentual, para 8%, o depósito compulsório dos bancos, medida que deve retirar cerca de US\$ 18,8 bilhões da economia. A decisão foi anunciada no dia 15 de junho de 2006 e entraria em vigor dia 5 de julho.

Com enorme liquidez e a pressão de líderes locais do Partido Comunista, os bancos não estavam respondendo à orientação do governo central de restringir novos empréstimos. O crédito bancário estimula o volume de investimentos, que equivalem a cerca de 50% do PIB e são um dos principais motores de expansão do PIB chinês. O governo teme que investimentos em excesso levem ao superaquecimento da economia e coloque no caminho do país o risco de um *hard landing*.

Em 2005, o total de depósitos em moeda local e estrangeira no sistema financeiro chinês cresceu 18,2% e atingiu 30 trilhões de yuans (US\$ 3,72 trilhões), o equivalente a 165% do PIB. O estoque de financiamentos concedidos pelo sistema financeiro somou no ano passado 20,7 trilhões de yuans (US\$ 2,57 trilhões), quase 114% do PIB, com alta de 12,8% em relação a 2004. Os investimentos em ativos fixos cresceram em ritmo mais acelerado, 25,7%, e chegaram ao fim do ano em 8,9 trilhões de yuans (US\$ 1,1 trilhão), o que representa 49% do PIB. Mesmo com a abertura econômica e o desenvolvimento do setor privado, cerca de dois terços dos financiamentos bancários continuam a ser canalizados para empresas estatais, a maior parte das quais se mantêm ineficiente. Como muitas delas não registram lucros, é pouco provável que consigam pagar os empréstimos, o que pode realimentar a bola de neve de NPLs.

A situação é agravada pela inabilidade dos escalões médios dos bancos em avaliar riscos, depois de anos de economia dirigida pelo Estado. Em seminário realizado em Pequim no mês de junho de 2006, Liu Mingkang, diretor da Comissão Reguladora dos Bancos, considerou insatisfatório o trabalho das instituições em transformar a mentalidade de seus gerentes. “Em um grande número de transações, o risco operacional é enorme”, declarou. Zhou Xiaochuan, presidente do banco central, fez coro com seu colega: “Se nós não colocarmos mais ênfase no controle de riscos, é provável que tenhamos problemas e quando esses problemas ocorrerem, o ritmo da reforma e de experimentação poderão sofrer uma grande redução”, declarou no mesmo evento. A dificuldade já havia sido reconhecida pelo presidente do China Construction Bank, Guo Shuqing, que declarou no ano passado que 90% dos gerentes da instituição que dirige não possuem qualificação para realizar boas avaliações de risco dos créditos que concedem. A franqueza de Guo não foi suficiente para esfriar os ânimos dos investidores estrangeiros, que poucos dias depois canalizaram US\$ 9,23 bilhões para a compra de ações do China Construction Bank.

As autoridades chinesas consideram a entrada de sócios estrangeiros crucial para modificar a cultura das instituições locais. Mais do que capital, o que o Partido Comunista espera é que os novos sócios transfiram tecnologia bancária e revolucionem a mentalidade dos milhares de funcionários dos bancos chineses.

O britânico HSBC fez a maior aposta no antigo Império do Meio até agora. Desde 2001, destinou US\$ 5 bilhões à compra de participações minoritárias no sistema financeiro, mais que o dobro do que investiu no Brasil desde 1997. O HSBC possui 19,9% do Bank of Communications, o quinto maior da China, e mesmo percentual da seguradora Ping An, a segunda maior do país. Os 19,9% são o máximo de participação autorizado para estrangeiros pela legislação atual.

O ex-chairman do HSBC, John Bond, disse a um grupo de jornalistas brasileiros em março de 2006 que a instituição está pronta para ampliar sua presença para 100%, assim que o governo chinês autorizar. “Os bancos sempre refletem a economia que eles servem. O sistema bancário na China herdou muitos problemas, mas, do outro lado, há um novo mercado de crédito imobiliário, crédito para compra de veículos ou empréstimos para companhias privadas. Um novo sistema bancário está sendo construído”, declarou Bond na mesma entrevista.

A possibilidade de grandes lucros no país é a principal motivação dos estrangeiros. É irresistível o apelo da economia que mais cresce no planeta e ainda é o endereço de nada menos de um quinto da população mundial. Em janeiro de 2006, o banco de investimento Goldman Sachs liderou um consórcio que destinou US\$ 3,78 bilhões à compra de participação minoritária no Industrial and Commercial Bank of China. No mês seguinte, o grupo de investimentos Temasek, de Cingapura, comprou 5% do Bank of China e anunciou investimentos de US\$ 2,5 bilhões no China Construction Bank. O ano de 2005 viu três grandes negócios no sistema financeiro chinês: 1) o Bank of America anunciou em junho investimento de US\$ 3 bilhões na compra de 9% China Construction Bank; 2) o Temasek adquiriu em julho 5,1% do capital do China Construction Bank; 3) consórcio liderado pelo Royal Bank of Scotland anunciou, em agosto, a compra de 10% das ações do Bank of China, por US\$ 3,1 bilhões.

Além dos problemas contábeis, os bancos chineses foram alvo nos últimos dois anos de várias investigações por corrupção, algumas das quais levaram ao afastamento dos principais dirigentes das instituições sob acusação de desvio de milhões de dólares. Zhang Enzhao, o ex-chairman do China Construction Bank, perdeu o cargo e passou a ser investigado pela suspeita de ter embolsado US\$ 1 milhão para favorecer uma empresa americana na licitação para escolha do sistema de informatização do banco. Zhang havia assumido o cargo em 2002, em substituição a Wang Xuebing, também afastado e preso por suspeita de corrupção.

Em 2004, Xiao Hongbo, vice-gerente do China Construction Bank na Província de Sichuan, foi executado sob a acusação de ter desviado US\$ 484 mil para sustentar oito amantes. No mesmo ano, cinco executivos do Bank of China foram presos sob a acusação de concederem empréstimos irregulares, em troca do pagamento de propina. Funcionários do ICBC foram detidos na mesma época por supostamente concederem financiamentos irregulares de US\$ 89,8 milhões ao empresário Feng Mingchang, na Província do Cantão. Alguns meses antes, o governo chinês havia conseguido uma vitória importante no combate à corrupção com a extradição Yu Zhendong, ex-diretor de uma agência do Bank of China no Cantão que havia fugido para os EUA depois de desviar US\$ 483 milhões com outros dois colegas.

Com todos esses problemas, o economista Michael Pettis, professor da Universidade de Pequim, afirma que serão necessários alguns anos para avaliar se os estrangeiros estão fazendo “um negócio da China” na China. Bons ou maus, não há dúvida de as aquisições são arriscadas. “Inconsistências no procedimento de retorno dos empréstimos são muito comuns no mercado”, alertou Liu Mingkang, diretor da Comissão Reguladora dos Bancos, em junho de 2006. E acrescentou: “Se o risco de *default* se tornar realidade, as perdas serão imensas”.